

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA?
- REVOLUÇÃO
12 e 25 de Novembro de 2024

PANTHER / 1995

Um filme de Mario Van Peebles

Realização: Mario Van Peebles / Argumento: Mario Van Peebles, baseado num romance de Melvin Van Peebles / Direcção de Fotografia: Edward J. Pei / Direcção Artística: Richard Hoover / Guarda-Roupa: Paul A. Simmons / Música: Stanley Clarke / Som: Susumu Tokunow / Montagem: Kevin Lindstrom e Earl Watson / Interpretação: Kadeem Hardison (Judge), Bokeem Woodbine (Tyrone), Joe Don Baker (Brimmer), Courtney B. Vance (Bobby Seale), Tyrin Turner (Cy), Marcus Chong (Huey P. Newton), Anthony Griffith (Eldridge Cleaver), Bobby Brown (Rose), Angela Bassett (Betty Shabazz), Chris Rock (Yuck Mouth), James Russo (Rodgers), Michael Wincott (Tynan), etc.

Produção: Gramercy – Tribeca - Polygram / Produtores: Mario Van Peebles, Melvin Van Peebles e Preston L. Holmes / Cópia digital, colorida, falada em inglês com legendas electrónicas em português / Duração: 124 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Na segunda projecção do filme, no dia 25 de Novembro, apresentaremos um texto original. Para a sessão de hoje traduzimos uma nota de época assinada por Rita Kempley e publicada no Washington Post na altura da estreia do filme:

Panther é uma hagiografia sedutora e habilmente feita de um Black Panther Party sem garras. Ambientado no auge do movimento, foca-se na coragem e beneficência do partido, não no excesso e na corrupção posteriores. Na forma como Van Peebles os retrata, os Panhters são como escuteiros armados.

Claro que Van Peebles tem tanto direito à sua visão – não importa quão selectiva e factualmente distorcida – como qualquer outro artista. O realizador e o seu pai argumentista, Melvin Van Peebles, vincam que **Panther** não é um documentário mas uma dramatização. O problema é que se eles o disseram em conferências de imprensa, o filme não o diz.

Panther conta a história da fundação e rápido crescimento do partido através de uma personagem fictícia, Judge. Judge é um veterano do Vietname que se relaciona com os fundadores Huey Newton e Bobby Seale. “Dois ‘manos’ fartos até à ponta dos cabelos”, observa Judge sobre uma montagem intensa e granulosa de imagens de racistas brancos aos urros, manifestantes negros e outros documentos da época.

Judge, menos um protagonista do que o guia do espectador para os acontecimentos-chave na história da organização, está na faculdade quando encontra os Panthers a vender literatura marxista no campus. Céptico inteligente, Judge fica desconfiado inicialmente, mas deixa-se conquistar pela paixão deles pelo activismo comunitário: quando não estão em rixas com os “porcos” de Oakland, os Panthers ensinam o orgulho negro em ofertas de refeições a crianças esfomeadas ou organizam protestos pacíficos com o reverendo local.

Judge não está sozinho na sua consideração pelos Panthers, cuja mensagem de poder para ao povo também atrai para a causa os mais proeminentes liberais de Hollywood e, para horror de J. Edgar Hoover, jovens activistas brancos da zona de São Francisco (...).

O percurso de Judge dá à estrutura episódica do filme uma coesão dramática, mas o centro pertence ao carismático Newton, ao pragmático Seale, e ao usurpador eloquente, Eldridge Cleaver. Os três são romantizados, passando exclusivamente por altruístas focados na ajuda de terceiros.

As vigílias à luz de velas em Oakland, os discursos em Berkeley, e outros acontecimentos autênticos são convincentemente recriados por Van Peebles. O que ele faz melhor é trazer a época à vida – com uma grande ajuda da música. Gente de todas as cores sentia que tinha poder, e tudo parecia possível.

Panther pode não ser factual, mas nunca pretendeu sê-lo. É um mito moderno, uma odisseia espiritual, uma tentativa de despertar o espírito activista dos anos 60, de ligar os miúdos de hoje aos heróis populares de ontem.